

ANTÍTESE: DO DISCURSO JORNALÍSTICO
A UM SENTIDO AMPLO

Aline Cacilda Koteske Emílio

... a realidade pode ser mais contraditória do que imaginam os historiadores e cientistas.

(Lage, 1997: 47)

Segundo Van Dick e Kintch (1983:65), o processamento cognitivo consiste de diferentes estratégias processuais, entendendo-se estratégia como uma instrução global para cada *escolha* necessária a ser feita ao longo do curso da ação. Uma espécie de automatismo nesse processamento é que uma idéia quase sempre nos evoca outra que, ou é similar, ou se lhe opõe. Constitui, assim, uma operação natural estabelecer contrastes. Esses contrastes, tão caros à dialética, traduzem-se em antíteses.

A antítese é um dos recursos retóricos de expressão mais empregados em todos os tempos, tanto na língua literária e culta, quanto na falada e coloquial. Certas épocas literárias chegaram a caracterizar-se pelo abuso no emprego. É o caso, por

exemplo, do barroco ou gongorismo, que abrangeu a parte final do séc. XVI e quase todo o séc. XVII. Entre os vultos representativos dessa escola em língua portuguesa estão o Padre Antônio Vieira e Luis de Camões.

Variante da antítese é o oxímoro, uma espécie de paradoxo ou contradição, composto por termos que não apenas contrastam mas também se contradizem, como neste exemplo: “O doutorado é um *delicioso sofrimento*”.

O apelo à antítese e as suas variantes parece reflexo da própria realidade que, por ser múltipla, é em si mesma contrastante. Se fosse homogêna, o homem não saberia captá-la. Marques de Maricá (cf. Garcia, 1986:78) traduziu essa mesma idéia da seguinte maneira: “Sem os contrastes que a natureza apresenta, os homens não poderiam conhecer nem avaliar as coisas e sucessos do mundo.”

Essas observações, mais gerais, abrem espaço para podermos caminhar em direção à abordagem da *antítese* no discurso jornalístico, bem como compreendê-la em sentido mais amplo.

Discurso jornalístico

Pelas palavras de Lage (1997), entendemos que a maior parte dos enunciados sociais não são construídos com preocupação essencialmente estética. Mas, paralelos a esses enunciados, construídos a partir e ao impacto dos textos, existem outros, os retóricos, preocupados com o convencimento, que se voltam para a imposição de versões ou interpretações da realidade.

Discursos retóricos são esteticamente mais cuidados do que os informativos; beleza e ritmo são características para

atrair. Mas, adverte o autor, os padrões de estética variam conforme a natureza dos destinatários. Assim, retomar à idéia de que o jornalismo descende de discursos informativos clássicos e a publicidade dos discursos retóricos, não significa estabelecer uma relação simples, porque o universo político e social é retórico, e o jornalismo está imerso nele.

Sobre a história moderna dos discursos não artísticos, Lage registra que na Idade Média esses discursos consistiam em documentos (anais, decretos, relatórios etc.). No Renascimento, com a formação de estados nacionais modernos, as línguas nacionais foram impostas, e o ponto de partida foi a estruturação dessas línguas baseada em documentos literários canônicos como *Os Lusíadas*, de Camões, no caso de língua portuguesa. Essa literatura passou, então, a ser o padrão dos discursos institucionais. E foi nesse período que nasceu o jornalismo, caracterizado, no início, como publicismo.

No Brasil, foi no segundo Império que surgiram algumas características peculiares de estilo, distantes da retórica publicista, através de jornalistas escritores, como Machado de Assis e Raul Pompéia, entre outros. Já no início do séc. XX, agravaram-se as oposições entre língua escrita e língua falada. Mas a influência do modernismo literário, gerado na Semana de Arte Moderna de 22, demorou a chegar ao discurso jornalístico. A idéia de aproximar enunciados artísticos da fala coloquial chegou aos jornais a partir da década de 50.

Para Lage, uma das razões para o abandono do modelo literário no jornalismo foi uma compreensão diferenciada dos objetivos do ensino e da prática da língua nacional. O que se exigia era uma expressão que contivesse as características de clareza, concisão, correção e, subsidiariamente, elegância.

Entretanto, uma definição atual e adequada do que seja jornalismo pode ser expressa pelas próprias palavras do autor:

Uma forma de conhecimento que parte da singularidade dos fatos para a universalidade, construído sobre o senso comum e recorrendo, sempre de forma indireta, aos discursos particulares dos conhecimentos instituídos. (1999:1)

Lead/ *Fait-divers* e Antítese

O *lead* é a abertura da notícia, da reportagem, na qual se procura dar o fato, objetiva e sinteticamente, com o fim de responder às questões: o quê, quem, quando, onde, como e por quê. De acordo com Lage (1999: aula 5), o *lead* é uma proposição completa, constituída de sujeito, verbo, complemento do verbo, mais as circunstâncias de tempo, lugar, modo, instrumento, causa e conseqüência.

Se considerarmos que as figuras semânticas fazem recair a atenção predominantemente no assunto do discurso, revelando seus efeitos de sentido, o *lead* como entidade semântica será concebido como a proposição completa aristotélica. E a partir daí, ficará sujeito a transformações ditadas pelas circunstâncias de uso (a pragmática) e pela estilística própria do discurso jornalístico: ordenação de notações, distribuição da proposição por mais de um período e *valorização de relações notáveis*, sendo que a principal delas é a *antítese*.

A valorização das contradições na estilística do jornalismo acontece mediante a aproximação de notações que sugerem contextos conflitantes. E essa é a essência de um tipo de notícia conhecida como *fait-divers* (fatos diversos), uma das atualizações da antítese.

Conforme Barthes (1962) os sentidos surgem da conjunção de dois contrários no *fait-divers*. Os dois aspectos da estrutura recobrem zona ambígua onde o acontecimento é visto

como signo cujo conteúdo é incerto, como neste exemplo: “Pescadores catarinenses pescaram uma vaca”. Há uma distância lógica entre o peixe e a vaca. Em termos de lógica podemos dizer que cada termo possui percurso autônomo de significação, mas a função paradoxal é fundir dois percursos diferentes em um único percurso.

Cabe, nesse ponto, retomar a idéia de Eco (1997), para quem “a mensagem com função retórica é, antes de mais nada, estruturada de modo ambíguo em relação ao sistema de expectativas que é o código”. Uma mensagem ambígua manifesta-se como extremamente informativa porque nos dispõe a numerosas escolhas interpretativas. Ambigüidade produtiva é a que desperta a atenção, solicita interesse e esforço interpretativo permitindo, ao mesmo tempo, encontrar direções de decodificação.

Com a mensagem do *fait-divers* acontece o mesmo: algo nos surpreende, por que vai além das expectativas lógica, psicológica e científica. É contrário à opinião comum e, embora, pareça incrível, obedece a condições de credibilidade já que se realiza na afirmação axiomática da notícia.

Além disso, os *fait-divers* não se situam em campo de conhecimento pré-estabelecido como política, economia, cultura, artes, nos quais os eventos se interligam e a cada novo evento o quadro situacional é alterado. São, portanto, eventos sem classificação, notáveis pela relação interior de seus termos. Eventos que, por não dependerem de nada exterior, interessam por si mesmos.

Para Lage, mesmo estando fora da categoria classificatória que pressupõe a pouca importância da informação, circunstâncias secundárias que apontam para a antítese são valorizadas, como se o jornalismo pretendesse indicar uma certa ilogicidade das presunções humanas sobre a realidade.

As relações *contraditórias* que tornam as mensagens interessantes são de vários tipos; mostraremos as duas primeiras por tópicos frasais apenas, porque permitem perceber melhor sua capacidade de aguçar a curiosidade e induzir à leitura das linhas seguintes. Os demais tipos serão exemplificados com notícias completas:

1. Prodígios:

“Salva por afogamento”

(Reader’s Digest, out./97, p.106)

2. Acumulação numérica:

“Morte de 1.746 pessoas por gás”

(Gazeta do Povo-Pr., 27/10/98)

3. Coincidência:

Naufágio causou morte de 55

Assistir à queima de fogos de artifício na praia de Copacabana (Zona Sul do Rio) era o objetivo do passeio no “Baetau Mouche 4”, na noite de 31 de dezembro de 88. O passeio começou às 21h15, e, cerca de 45 minutos depois duas lanchas da Capitania dos Portos interceptaram o barco e fizeram a contagem de passageiros. O barco naufragou às 23h50, causando a morte de 55 pessoas. (Folha de S.Paulo, 30/08/90)

4. Essência/aparência:

Idosa espanta bandidos com alicate de cutícula

(Maringá Sucursal) - Um alicate de unha foi a arma usada pela dona de casa Hamae Maeda, de 67 anos, para afugentar dois assaltantes que invadiram sua casa, na terça-feira à noite, em Maringá. Ela estava fazendo as unhas no quarto por volta das 22h30, quando

foi surpreendida por dois homens armados de revólveres, que entraram pela sacada do sobrado. (Estado do Paraná, 01/04/99)

5. Distúrbios da causalidade: ¹

a) **Uma cadela vira-lata impede a fuga de 87 presos em Sorocaba**

Uma cachorra vira-lata impediu a fuga de 87 presos da Cadeia Pública de Sorocaba, anteontem à noite. Os presos haviam cavado um túnel mas, quando preparavam a fuga em massa, a cachorra começou a latir, atraindo os carcereiros. O cão, sem dono, vive nas imediações da cadeia e acabou tornando-se mascote dos funcionários e dos próprios presos. Eles a chamam "Mazé" e lhe dão restos de comida. O plano de fuga foi descoberto quando os carcereiros de plantão estranharam a agitação da cachorra, que latia muito.

(Gazeta do Povo - Pr., 09/04/99)

b) **Malandro**

Buenos Aires - A polícia prendeu um ladrão que tinha roubado a carteira de sua própria advogada quando prestava depoimento em um tribunal de Buenos Aires por outro delito, pelo qual foi absolvido. (Gazeta do Povo-Pr., 18/04/99)

c) **Um gato clandestino atrasa a decolagem de aparelho no Cairo**

Miados de um gato provocaram atraso de 75 minutos na decolagem de um avião da British Airways do aeroporto do Cairo. As aeromoças descobriram que um passageiro romeno estava levando um filhote na sua bagagem. Explicou que encontrara o gato no seu caminho para o aeroporto e não teve tempo de cumprir os trâmites legais para o embarque do animal. (Gazeta do Povo- Pr., 16/11/98)

d) **JOVEM TOPA com trem.** O jornalista Kevin Sean Rowe, 34, do semanário alternativo "New Times", de Miami, fraturou o crânio, quebrou três costelas, deslocou um ombro e perdeu um pulmão depois de ser colhido por um trem. O repórter estava tentando achatar uma moeda de 25 centavos, colocando-a sobre os trilhos de um trem para o norte, quando foi surpreendido por um trem que ia para o sul. (Exame VIP, 05/99, p.23)

Segundo Barthes, as relações contraditórias são responsáveis pelo êxito passageiro das notícias policiais, o que não quer dizer que não possam alcançar notabilidade histórica. Para tanto, deverão representar uma situação mais geral, como o caso do *Batheau Mouche*, ou exemplificar propensões encobertas na sociedade.

A última colocação nos traz à mente o caso do *filho de um juiz* que ajudou a *atear fogo no corpo de um índio*, que dormia em um banco de ponto de ônibus, em Brasília. Parece absurdo à inteligência moderna, tão preocupada com o sentido lógico dos fatos, deparar-se com o filho de um "homem da lei" agindo violentamente, provocando a morte do índio. O fato pode ser considerado, no entanto, não apenas incrível - um *fait-divers* - mas também revelador de uma tendência oculta na sociedade - o que o transforma em informação relevante.

Barthes afirma que o *fait-divers* é uma arte de massa; seu papel é preservar no seio da sociedade contemporânea a ambigüidade do racional e do irracional, do inteligível e do insondável, mas, segundo ele, "historicamente necessários".

Antítese: além do jornalismo

O pensamento de Barthes, no parágrafo anterior, somado ao de *antítese* como parte da realidade, dita no início deste trabalho, leva-nos a compreendê-la como elemento necessário e característico da vivência universal.

A linguagem está inserida na estrutura global antitética. Na condição de lingüista, uma maneira de ver a oposição é, principalmente, através dos paradigmas criados para o estudo da língua, tais como Formalismo e Funcionalismo, onde os princípios são totalmente contraditórios. No primeiro, a língua é considerada *conjunto de orações* e sua função *expressão do pensamento*. No segundo, a língua é *instrumento de interação social* e a função *comunicação*. Isso sem falar nos universais lingüísticos, aquisição de linguagem... A relação de oposição amplia-se de tal modo, nessas abordagens, que deixa a impressão ilusória de que os modelos de ambas estão separados da fonte - a linguagem. De qualquer forma, não vemos outra maneira de avaliar os progressos realizados em todas as áreas da lingüística e de outros campos do conhecimento senão por meio da existência dos contrastes, quer sejam filosóficos, epistemológicos etc.

Em contrapartida, não podemos omitir que há outra necessidade natural, a busca pelo equilíbrio. Há estudiosos que labutam para a oposição deixar de ser limite e fazer surgir a integração. Mas a própria busca por integração gera uma oposição em relação ao limite. Tudo indica que não há como desviar-se dessa condição. A história tem demonstrado que a permanente intermitência entre os opostos é que tem feito a continuidade dos muitos discursos em ciência.

A evidência desse dualismo foi reconhecida desde os primórdios do conhecimento humano. Os limites deste trabalho não permitem enumerar, por meio de retrospectiva histórica, os

passos dados a esse respeito. Mas não impedem o reconhecimento de que identificar, avaliar e fazer opções, em qualquer campo da atividade humana, depende da existência de um dualismo.

Um modo mais interessante e concreto de traduzirmos a percepção da antítese, em sentido mais amplo, é através de um conto antigo recontado por Rui Miranda (membro da Academia Paranaense de Letras), que, a nosso ver, vale a pena registrar pela evidência desse dualismo:

Um médico conhecido por "Dr. Thadeus" dedicava-se aos doentes de uma Santa Casa. Não era de todo religioso, mas procurava respeitar os fundamentos católicos daquela Casa, meditando todas as manhãs na capela. Não raro, monologava com seus considerados "poderes celestiais". Certo dia, empolgado por isso, chegou a dizer, audivelmente, e reconhecidamente "Obrigado Satanás". Não notou que fora ouvido pelas beatas. Surpreendeu-se quando viu-se processado pela Provedoria, acusado de conluio com o Demônio. Foi tão hábil, porém, em demonstrar que Satanás muito lhe ajudara - através das tentações e indução aos erros que havia praticado - a corrigir-se e buscar a salvação que teve absolvição unânime e consideração de todos. (Gazeta do Povo-Pr., 14/02/99)

A oposição entre o *bem* e o *mal* pode ser considerada uma metáfora representativa da complexidade da Realidade, que tem por princípio o contraste. É como se algo só passasse à condição de *ser*, se algo já existe para que se oponha. Conclui-se, portanto, que as atividades humanas podem ser percebidas sempre em movimento. Um movimento de desconstruir, no sentido de desmascarar, para mascarar novamente. E a oposição será considerada *fato*, independente de ser mais ou menos

evidente, porque o objetivo real e maior das ações é um eterno fazer na base do desfazer.

A dialética é, pois, um exercício do conhecimento que reside no centro da idéia. O homem vive na condição de opositor, pressupondo que precisará posicionar-se em um dentre polos opostos, o que justifica que a *antítese* vai além, bem além do *fait-divers* e da própria Retórica.

Referências Bibliográficas

- BARTHES, R. (1978) *Essais critiques*. Paris: Seuil.
- ECO, U. (1997) *A Estrutura Ausente*. São Paulo: Perspectiva.
- GARCIA, O.M. (1986) *Comunicação em prosa moderna*. 10. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- LAGE, N. (1997) *Linguagem Jornalística*. São Paulo: Ática.
- _____. (1999) *Aulas 1 e 5*. [http://www.jornalismo.cce.ufsc.br/Gramática do texto jornalístico](http://www.jornalismo.cce.ufsc.br/Gramática_do_texto_jornalístico).
- _____. (1999) *Comentários à Tese "Cenas Benefactivas e Movimentos Semânticos no Contexto da Linguagem Jornalística"*. [http://www.jornalismo.cce.ufsc.br/Gramática do texto jornalístico](http://www.jornalismo.cce.ufsc.br/Gramática_do_texto_jornalístico).
- RAJAGOPALAN, K. (1995) *Formalismo vs Funcionalismo - Sobre as Premissas Ocultas dessa Polêmica*. In: I Encontro do CELSUL (Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul), (Florianópolis). *Anais do I Encontro do CELSUL*, Universidade Federal de Santa Catarina, p. 25-33.
- VAN DIJK, T.A. e KINTSCH, W. (1983) *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press.

Notas

¹ Durante a pesquisa, constatamos que é mais comum encontrar esse tipo de relação nos periódicos que os demais.